

NARRATIVAS VERBAIS E VISUAIS: PROPOSIÇÕES EM MEDIAÇÃO CULTURAL

Mirian Celeste Martins
Mackenzie

Elaine de Oliveira Carvalho Moral Queiroz
PPG/Mackenzie

Lúcia Pantaleoni
PPG/Mackenzie

Mariana Peramezza Del Fiol
PPG/Mackenzie

Miriam Minga
PPG/Mackenzie

Olga Egas
PPG/Mackenzie

Vanessa Florentino
PPG/Mackenzie

ISSN 2316-6479

Resumo

Como narrativas visuais e verbais podem provocar encontros com a arte? Esta é problematização que este texto discute a partir da premissa de que um dos objetivos da mediação cultural, talvez o maior deles, seja provocar a aproximação sensível com a arte e a cultura. As narrativas visuais e verbais aqui apresentadas nos provocaram para a ampliação de conceitos na disciplina Arte e Mediação Cultural do Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie, e se constituíram como uma experiência de aproximação com a fala de artistas e com a construção de foto-ensaios.

Palavras chave: Mediação cultural; arte; cultura visual; foto-ensaio.

Abstract

How visual and verbal narratives can instigate encounters with art? This is the problem that this paper argues from the premise that one of the goals of cultural mediation, perhaps the greatest of these, is instigate a sensitive approach to art and culture. The visual and verbal narratives presented here resulted the expansion of concepts in the discipline Art and Cultural Mediation of Postgraduate Education, Art and Cultural History at Mackenzie Presbyterian University Program, and constituted an approach experience between the artist's narratives and the construction of photo-essays.

Keywords: Cultural mediation; art; visual culture; photo-essay.

Imagens são o pano de fundo onde construímos nossos palácios teóricos. Elas são indispensáveis.
Elliot Eisner (1988, p.355)

Imagens presentificam ideias, conceitos, sentimentos, sensações. As vezes as significações podem ser apenas consumidas com os olhos (a publicidade sabe

bem disso), mas podem despertar reflexões, encantamentos e estranhamentos e construir “palácios teóricos”. Elas podem se tornar mediadoras tais como as palavras que narram encontros com a arte? Como narrativas visuais e verbais podem provocar encontros com a arte?

Esta questão foi a provocadora de um desafio na disciplina Arte e Mediação Cultural no Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Tudo começou com o relato dos próprios encontros com a arte deste pequeno grupo, parte do qual assina o artigo, levantando a importância dos primeiros mediadores e ampliando o conceito de experiência estética considerada intrínseca neles.

Considerando o encontro sensível com a arte um dos principais objetivos da medição cultural saímos do trilho da leitura/interpretação de obras para mergulhar em uma outra esfera: narrativas verbais de artistas, historiadores, filósofos, educadores entre tantos outros possíveis sobre seus encontros com a arte?

As primeiras narrativas trazidas mostravam um frescor da experiência estética vivida, cercada das sensações e emoções dos próprios encontros com a arte, como o texto de Tzvetan Todorov (2011, p. 8-9) na escuta sensível em uma sala de concerto com a “sensação de habitar plena e exclusivamente o presente” e o de Flávio Desgranges (2003, p. 13-14) que revela um intenso e raro momento vivido quando percebeu que não estava só postado frente a uma janela do Museu D’Orsay vendo o entardecer:

Afastei-me da janela, sentei-me em um dos bancos próximos e me ative à reação das pessoas, à relação que estabeleciam com a paisagem que surgia pela vidraça, enquanto pensava na faculdade da arte de nos sensibilizar, em como a contemplação daquela sequência de quadros havia provavelmente estimulado os visitantes a lançar um olhar estetizado para o mundo lá fora, em como as obras propiciava, ainda que por instantes, que os contempladores fruissem a existência de uma experiência artística.

Lúcia Pantaleoni trouxe um texto escrito por De Chirico. Vimos depois o premiado curta-metragem *Enigma de um dia* de Joel Pizzini Filho (1996), um cineasta-poeta. A câmera inicia nos mostrando espectadores diante de uma obra que não vemos e o olhar de Leonardo Villar como vigia do museu que é capturado por ela. Seu olhar sobre a cidade em paisagens urbanas e na natureza nos trazem elementos da obra percebida pelo vigia. E a obra só é revelada no final do filme: a obra de De Chirico que tem o mesmo título do filme. Lúcia nos traz depois a obra e imagens da praça citada pelo artista.

Nasce um segundo desafio: criar fotos-ensaios, considerando a fotografia como uma forma de discurso que presentifica e interpreta o representado e “consegue

formular perguntas em profundidade, descrever situações, defender posições éticas ou alcançar conclusões razoavelmente justificadas” (ROLDÁN e VIADEL, 2012, p. 22).

Foi este o início para este artigo que nasce colaborativamente como modo de aprofundar nossos estudos sobre a mediação cultural tendo as palavras de outros que narram seus encontros com a arte e as nossas imagens produzidas para expandir o texto, como um contraponto. Na linguagem musical o contraponto é “a arte de sobrepor uma melodia a outra; o conjunto de técnicas composicionais da polifonia”, explica o dicionário. Simultaneidade, multiplicidade, são as marcas melódicas da polifonia e marcam também esta reflexão na percepção de que a mediação vai se dando em vários níveis, afetando o outro ao mesmo tempo em que somos afetados.

Apresentamos inicialmente as narrativas verbais e visuais como provocações ao leitor e em seguida como elas ressoaram no próprio grupo. Finalizamos refletindo sobre o processo vivido com suas escolhas e produções que certamente se ampliarão na participação neste Seminário.

Convites à leitura

1.

Numa radiosa tarde outonal eu estava sentado num banco no meio da Piazza Santa Croce, em Florença. Não era, claro, a primeira vez que eu via aquela praça. Acabava de sair de uma prolongada e dolorosa enfermidade intestinal e achava-me num estado de sensibilidade quase mórbida. Todo o mundo, até o mármore dos edifícios e dos chafarizes, parecia-me estar convalescendo. No meio da praça ergue-se uma estátua de Dante envolto num longo manto, segurando suas obras junto do corpo, a cabeça coroada de louros inclinada pensativamente para a terra. A estátua é em mármore branco, mas o tempo deu-lhe um matiz cinzento, muito agradável ao olhar. O sol de outono cálido e pouco suave, iluminava a estátua e a fachada da igreja. Tive então a estranha impressão de que estava olhando para todas aquelas coisas pela primeira vez, e a composição do meu quadro me veio à mente. Agora, todas as vezes que olho para esse quadro, revejo aquele momento. Não obstante, ele constitui um enigma para mim, pois é inexplicável. E gosto também de chamar enigma à obra que dele nasceu. (DE CHIRICO, *apud* CHIPP, 1996, p.403)



Fig. 1. Lúcia Pantaleoni.
Sem título.

Foto-ensaio, 2014,
a partir de fotografias do
acervo pessoal.

2.

Em 2009, encontrei, sob a cama dos meus avós, uma mala cheia de sacos plásticos contendo fotografias e outros documentos da primeira metade do século 20. Eu nunca tinha visto aquele material e lembro que me perguntei por que não estavam organizados em álbuns de família, como geralmente se faz com fotos desse tipo (casamentos, batismos, fotos de Natal tiradas em estúdio, etc.). Com a permissão dos meus avós, assumi a responsabilidade de organizar as fotos em álbuns.

Tentei construir narrativas de álbuns de família convencionais e organizar as fotos de acordo com elas. Sendo eu o historiador não-oficial da família e também o neto mais velho, meus avós me deixaram mexer com esse material. Editei nossas histórias repetidas vezes, em diversas versões e possibilidades, mas não tive sucesso na simples tarefa de criar álbuns de família. Descobri o que minha avó já sabia: trata-se de uma missão impossível. Ela me deu tempo para chegar a essa conclusão sozinho e fracassar por conta própria, assim como ela fizera no passado.

Esse encontro acidental com uma mala sob a cama foi o ponto de partida para o projeto do *Christian Palestinian Archive - CPA (Arquivo Cristão Palestino)*, que hoje é o único arquivo dedicado à diáspora dos cristãos palestinos. O CPA representou também uma virada em minha prática artística e apontou as bases para todas as minhas instalações, sejam elas compostas por uma só foto, ou uma série de 15 fotografias organizadas como um álbum de família. (GUEZ, *apud* ABBASPOUR, 2013)



Fig. 2. Mariana Peramezza Del Fiol. *Legado enraizado*. Foto-ensaio, 2014, composto com duas fotografias do acervo de Giu Pera (imagens 2 e 4); imagem 1e 3, disponíveis em: <<http://4.bp.blogspot.com>> e <<http://rendadindeiro.com.br/wp-content/upload/pesdescalco.jpg>>. Ambas acesso em 30 abr 2014.

3.

Fui pela primeira vez a Itapuã no caminhão de Seu Lisboa. Era aquele paraíso, andava de canoa, via cardume. Aquele coqueiral e aquela quantidade de coco imensa. Você dizia assim: 'Vamos no Justiniano'. Chegava lá, entrava naquela roça de coqueiral, dizia assim: 'Arranja um coco aí pra gente'. Ele subia no coqueiro, jogava lá de cima meia-dúzia de cocos de primeira. Vinha logo cortando o coco, abrindo e a gente virando na cara. Então, o veraneio aí passou a ser encantador. Eu passei a amar o mar. Via a gente de lá com roupas simples, chapéu de palha, aquelas agulhas de tecer rede, tudo feito por eles mesmos. Fui me acostumando e vendo a poesia do mar, aquele processo de puxar rede, comer peixe da hora, muito xaréu, porque o peixe congelado era considerado abominável na época. (CAYMMI, 2001, p.78).



Fig.3. Miriam Minga. *Nostalgia* Foto-ensaio composto com fotografias: Disponível em: <<http://carrosantigos.wordpress.com>>; <<http://dacadeirinhadearruar.blogspot.com>>; <<http://fortazanobre.blogspot.com>> e <www.blogdoims.com.br>. Acesso de todos em 11 abr 2014.

4.

Lâmpada de Aladim. Numa passagem curiosa do livro [*Aguilar – 50 anos de Arte*], o artista conta que foi o amigo do escritor, compositor e cantor Jorge Mautner, companheiro do Kaos com o também escritor e cineasta José Agripino de Paula (fundador da Tropicália), que o acompanhou na descoberta da pintura. “Um dia, ele (Mautner) chegou e disse, cheio de segurança e arrogância: ‘Vamos pintar. Meu avô é pintor. Vou até lá, olho como ele faz e trago toda a informação’. Passou uma tarde com o avô e voltou: ‘Já sei pintar. Temos que comprar uma tela, terebintina, uns pincéis e tintas’. Ele fez tudo isso e ficamos olhando o Mautner pintar. Compramos também nosso material. Quando abri o tubo de terebintina, aquele cheiro me envolveu. Foi como se tivesse acionado a lâmpada de Aladim. O cheiro evocou todas as maravilhas imaginadas e não imaginadas. Senti na hora que pintar seria muito mágico, um ritual. Fazíamos tudo como loucos, montávamos clubes de poesia, saíamos a pichar paredes. Éramos dadaístas.” (AGUILAR, *apud* MOLINA, 2014)



Fig. 4. Olga Egas. *Aladins*. Foto-ensaio, 2014, composto por sete fotografias digitais do acervo pessoal, a partir de fragmentos de cenas cotidianas e obras dos artistas Yayoi Kusama, Antony Gormley e Arthur Bispo do Rosario.

5.

A mão que aponta para nós em ‘A ronda noturna’ está verdadeiramente ali, quando a sua sombra no corpo do capitão no-la apresenta simultaneamente de perfil. No cruzamento das duas vistas impossíveis, e que no entanto estão juntas, fica a espacialidade do capitão (...) Para vê-la, a ela, não era preciso vê-lo, a ele.

Merleau-Ponty (1975)

De que mão falava Merleau-Ponty? O que ele havia visto que eu não tinha percebido? E fui a busca de uma reprodução. Procurei a mão que aponta. E antes de acabar de me interrogar onde estava sua sombra, eu a descobri!

Tudo aconteceu rapidamente. A leitura do texto, à procura da reprodução, o olhar atento e sensível... E a emoção me pegou de fato!

Tantas vezes eu havia visto reproduções, em livros e slides, desta obra de Rembrandt, mas não me lembrava dessa mão e sua sombra. Não foi o olhar do pintor que me fez ver o visível. O olhar de Merleau-Ponty, registrado em palavras é que foi o responsável pela recriação da visibilidade da obra, do meu olhar mais sensível.

Por que isto não se deu pela própria obra? Por que, só através do olhar do outro eu pude ver o visível? Será que só a palavra explicativa pode trazer novas maneiras de olhar?

O reencontro com a obra de Rembrandt, iluminada pelas palavras do filósofo, em meio a um texto, me posicionaram melhor sobre uma questão crucial: *nossos olhos foram exercitados para o olhar?*

Percebo que, se não olhei para a mão que aponta e sua sombra, é porque, talvez, não me debrucei de fato sobre a obra. Vi apenas um significante que já vinha carregado de significados dados pelos teóricos de História da Arte: a encomenda pública que gerou polêmica e revolta entre os pagantes que mal apareciam, o jogo de luz e sombra barroco, os tons dourados rembrandtianos,... E havia muito mais para perceber.

Até que ponto eu fora convidada a entrar em contato com a obra? Até que ponto me estimularam, ou mesmo me permitiram, encontrar significações pessoais através de um olhar sensível e sensibilizado? (MARTINS, 1993, p.199)

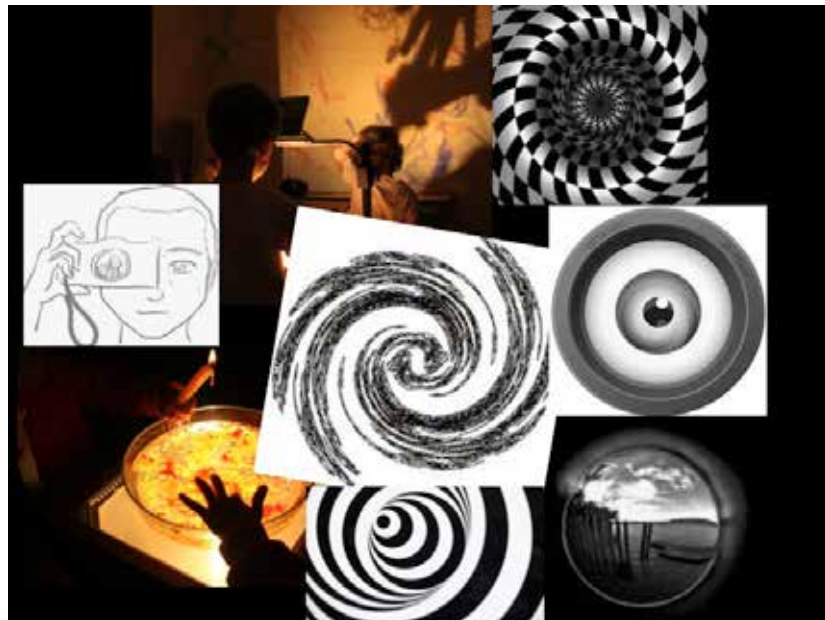


Fig.5. Vanessa Florentino. *Sem título*. Foto-ensaio, 2014, composto duas imagens coloridas do acervo de Vanessa Florentino e as demais disponíveis em: <<http://www.bigstock.com.br>>; <<http://www.publicdomainpictures.net>> e <<http://www.girafamania.com.br>>. Todas com acesso em 11/abr/2014.

Além destes cinco diálogos entre imagens e palavras, Elaine de Oliveira Carvalho Moral Queiroz apresentou seu foto-ensaio – Retratos de uma artista – apresentando fragmentos de obras de Manabu Mabe e imagens da natureza e o seguinte depoimento deste artista:

“O que é a arte?” “Qual a finalidade da minha pintura?” Um certo dia pensei sobre tudo isto e, desde então, já se passaram mais de vinte anos.

Foi bom ter pensado, pois o lavrador tornou-se pintor e minha vida mudou.

Pescar lambaris e bagres em riachos do pasto, colher cocos e goiabas, brincar de correr atrás de pássaros, são como poesias líricas inesquecíveis de minha infância.

O fruto vermelho do café, as folhas verdes, o céu azul do interior ainda hoje são retratados sobre a tela e, o sonho daquele interior ainda hoje são retratados sobre a tela e, o sonho daquele jovem coberto de suor e poeira que cultivou a terra roxa ainda é o mesmo hoje aos sessenta anos, cuja alma produtiva e batalhadora pinta e apaga, raspa e torna a desenhar. (MABE, 1986. p.9).

Ressonâncias: foco em cada narrativa verbal/visual

Simultaneidade, multiplicidade, marcas melódicas da polifonia, foram construídas por cada diálogo proposto e tornado visível pela criação de fotos-ensaios. Neles, a fotografia era disparadora de interpretações que provocavam um novo olhar sobre a narrativa verbal.

“Conforme os colegas iam apresentando seus textos e suas imagens, fui criando internamente palavras que expressavam minhas sensações e impressões durante a leitura e observação”, escreveu Vanessa em suas notas. Assim, em silêncio, líamos textos e imagens que eram mostradas sem nenhuma explicação pelo seus autores. Depois, os pequenos textos foram socializados, ampliando a percepção de cada narrativa. No jogo de afetar e ser afetado pelo outro pudemos perceber a riqueza da troca, da percepção a florada pelo olhar do outro, o pensar coletivo que aqui socializamos:

1. Giorgio de Chirico/Lúcia Pantaleoni. Imagens com cores sóbrias e aparentemente frias refletidas no texto poético de Giorgio de Chirico ressoaram sensações antagônicas de confronto e dualidade, quando visualizados em preto e o branco com recurso desfocado da montagem de Lúcia. Analogamente, traz um misto de sensações e sentimentos como frio, tristeza, solidez, que remete a um olhar sensível e a importância de olhar atentamente para ter a oportunidade de descobrir coisas que antes não havíamos visto. O enigma transparece.

2. Dor Guez/Mariana Del Fiol. O vasculhar fotos de família vividas em um outro tempo e espaço e a tentativa de organizar álbuns remete Dor Guez e nós mesmos à recordações nostálgicas e profundas, marcadas pela história de vida – a busca por suas origens. Quem sou eu? De onde eu vim? O foto-ensaio foi lido como uma sequência de imagens da esquerda para a direita, como um roteiro que remeteram à desesperança e solidão para alguns e à esperança, paz e vitória depois de uma luta difícil.

3. Caymi/Miriam Minga. Sensação de pertencimento do humano às coisas da natureza, o encontro com o mar. As primeiras imagens selecionadas por Miriam Minga traziam uma sensação de calor, especialmente em suas cores quentes e vibrantes seguidas de imagens em branco e preto. Mas foi com elas

que Minga fez um outro foto-ensaio, prolongando as imagens, o romantismo e a nostalgia de um passado distante.

4. José Roberto Aguilar/Olga Egas. Um momento mágico de se “perceber” artista. O ato de abrir um tubo de tinta e conseqüentemente de sentir o cheiro da terebintina evocou maravilhas. Trouxe no ar a mistura e o cheiro de tinta e a sua própria descoberta, o movimento das cores e seus mundos. O misto de cores que espiram e se espalham pela tela de seu primeiro foto-ensaio nos fez pensar nas sensações que envolvem a criatividade e a descoberta, muito entusiasmo e excitação! E convidam à proximidade do olhar que toca a textura e a cor em seu segundo foto-ensaio aqui apresentado. A Lâmpada de Aladim, trouxe um desejo latente da arte, com o jogo de cores fortes e vibrantes, remetendo a vida plena, vivida intensamente.

5. Merleau-Ponty/Mirian Celeste Martins/Vanessa Florentino. Narrativas remeteram olhar da professora pesquisadora, aquele olhar que é constantemente instigado a novas aventuras, a um novo olhar. As narrativas mergulharam na potencialidade do olhar observador, atento e sensível às imagens e suas sutilezas. As imagens “falam” das ilusões óticas, das crianças que experimentam a luz e a cor, a mão que aponta para algo. Fez um convite para reolhar o que já foi visto. O que nossos olhos veem, é essencial, porém não é a única forma que temos para perceber o que está a nossa volta.

6. Manabu Mabe/Elaine Moral Queiroz. Como as falas anteriores, palavras e imagens remeteram o grupo à questão da história de vida e suas origens, especialmente deste lavrador que se tornou um grande artista. Sua simplicidade no contato com a terra fez as cores do campo invadirem as cores de suas telas, dando-lhes movimento, brilho, construção. Um lavrador que olha o por do sol com olhos de artista. E nos faz pensar: quando é que se começa a ser artista?

As ressonâncias de cada narrativa verbal/visual somadas acima apontaram a sensibilidade e o pensamento aflorados pelas leituras. Há leituras mais sensoriais: sensações, sentimentos de paz, de alegria, tristeza... “sinto cheiros com as cores”, [a imagem] “me fez pensar no vento do mar, nano cheiro da areia”. Há leituras mais analíticas e reflexivas, lançando questões, sugerindo transformações nos foto-ensaios, mas em todas elas se vê os repertórios pessoais revelados.

Polifonias: processos de seleção e produção de textos visuais e verbais

Muitas análises poderiam ser feitas das ressonâncias destas narrativas visuais e verbais e que podem se ampliar em outras pesquisas.

Sobre a escolha das narrativas verbais:

O impulso primeiro foi procurar por relatos estéticos de encontros com a arte ou com sua produção. Não foi uma tarefa fácil, mas despertou emoções, como relata Olga:

Busquei na minha memória de arte educadora, os livros já lidos ao longo da vida. É certo que me lembrava de ter lido descrições desses encontros estéticos com a arte e não eram poucos. Sabia que durante tais leituras, a descrição de tais encontros eram, em sua maioria, marcados pelo acaso, pela surpresa e pelo encantamento... um certo “aquilo foi de Oh”, como diria Guimarães Rosa. Acredito que a exclamação onomatopeica, resgata o impacto do encontro, capaz de promover mudanças e alterar os rumos da vida! Eu mesma já senti isso. Movida por essa certeza, passei os olhos sobre minha pequena biblioteca e percebi que resgatar a descrição de diferentes autores e seus encontros com a arte, não seria uma tarefa fácil. Entre tantos autores, tantas lombadas, por onde começar? Diante de tamanha empreitada, selecionei três volumes para começar a busca e, nada... Seria mesmo uma empreitada de fôlego! Então, no dia seguinte, na leitura do jornal dominical, me deparei com o sorriso do pintor José Aguilar sentado entre suas obras – um convite para ler a reportagem sobre o lançamento do livro que comemora seus 50 anos de produção artística. Na reportagem, Aguilar relata a descoberta da pintura e seu momento “aquilo foi de Oh”. Então, considerando a coincidência entre minha busca e o relato do artista, não seria exagero dizer que, na verdade, foi o texto que me escolheu... “

A escolha dos textos revelou o momento em que cada pessoa do grupo se encontrava na busca por relações frente à experiência do produtor original, confirmando o que nos diz John Dewey em *Arte como experiência* (2010, p. 137): “a criação deve incluir relações comparáveis às vivenciadas pelo produtor original. Elas não são idênticas, em um sentido literal. [...] Em ambos, ocorre um ato de abstração, isto é, de extração daquilo que é significativo.”

Podemos observar relatos do grupo que apontam estas relações. Mariana partiu do foco de sua pesquisa de pós-graduação - formação e desenvolvimento do professor no curso técnico de fotografia. “O que fazia mais sentido dentro de todos os textos pesquisados era a fala da obra do artista-fotógrafo Dor Guez”.

O trabalho pessoal também levou Elaine a começar sua pesquisa no conteúdo de uma disciplina no curso de Pedagogia em EAD onde atua como professora. “Encontrei Manabu Mabe e me encantei com as obras e sua história de vida, até se tornar um pintor consagrado. A partir daí, sentimentos fortes, sensações boas e emoção aflorada, remeteram à minha infância, pois a cidade escolhida pelo artista, também havia sido palco de tempos felizes e momentos inesquecíveis em família, por ocasião de férias escolares”.

Repertórios foram buscados, como Lúcia que logo se lembrou do livro *Teorias da Arte Moderna* de Chipp (1996). “Eu sabia exatamente o que procurar. Tempos atrás havia lido um depoimento simplesmente deslumbrante de Giorgio de Chirico. Encontrei-o, reli-o e confirmei minha escolha. Emocionei-me ao compartilhá-lo e as ideias para meu foto-ensaio começaram a fluir”.

É interessante notar que dentre os artistas e pensadores selecionados, há estrangeiros como o pintor Giorgio de Chirico, o filósofo Merleau-Ponty (em participação indireta) e fotógrafo Dor Guez. Entre os brasileiros aparecem o músico Dorival Caymmi, os artistas plásticos José Roberto Aguilar e Manabu Mabe e a arte-educadora Mirian Celeste Martins. Com a exceção de Rembrandt, citado como objeto de leitura (século XVII) e de Chirico (século XIX), verificamos a valorização de autores nascidos no século XX, sendo que dois deles são contemporâneos (Aguilar e Guez).

Vemos que, tendo os repertórios pessoais ou as buscas profissionais e acadêmicas como mote, as narrativas dos artistas selecionadas por si já nos tocaram e emocionaram. E foram elas que geraram a produção de foto-ensaios.

Sobre as narrativas visuais:

Para aquecer a produção dos foto-ensaios como articuladores de narrativas visuais foram apresentadas metodologias artísticas de pesquisa baseadas na fotografia. Para Joaquin Róldan e Ricardo Marin Viadel (2012, p. 78):

Cada uma das fotografias que configuram um Foto-ensaio e, sobretudo, as inter-relações que estabelecem umas imagens com as outras, vão centrando sucessivamente as possíveis interpretações e significados até configurar com suficiente clareza uma ideia ou argumentação.

Encontrar imagens e suas inter-relações para criar possíveis interpretações e significados com suficiente clareza foi uma busca intensa. Algumas partiram de uma seleção em seus arquivos pessoais. Lúcia comenta que as suas imagens foram produzidas durante o seu curso de bacharelado em Artes Plásticas e de outros cursos de fotografia, em seu percurso como artista. Estas imagens “poderiam recriar o estado de espírito que percebi no relato de Giorgio de Chirico”, isto é, “relações comparáveis às vivenciadas pelo produtor original”, como disse Dewey em texto já citado (2010, p. 137).

Olga também usou sua produção pessoal, compondo com detalhes de obras favoritas e imagens de suas viagens. Vanessa, partiu inicialmente de fotos de seu arquivo pessoal das crianças com quem trabalha, e buscou fotos de

mãos e sombras que visualizou ao ler ao texto, cercando palavras-chave como expressando os diversos significados de cada palavra em imagens.

Imagens também foram buscadas a partir de experiências familiares. Elaine, voltou-se para a infância gostosa na fazenda. Miriam buscou em seu próprio baú de memórias o ambiente praiano descrito por Caymmi e também vivido por ela. Mariana procurou suas imagens no acervo fotográfico da irmã, relacionando a descrição do artista sobre uma história de família à sua própria história de família.

Sobre focos, tendências

Natureza, álbum de família, história de vida, percepção, mediação e enigma parecem ser os focos trazidos pelo grupo. Por outro lado, as imagens escolhidas para os seis foto-ensaios parecem apresentar duas tendências distintas: a representacional e a metáfora.

A primeira neste caso se traduz como uma tentativa de recriar a atmosfera descrita no texto verbal, onde o texto visual é um instrumento de documentação das emoções e surpresas ali descritas. Imagens do cotidiano são usadas para expressar os textos e, de certo modo suas montagens seguem um padrão tradicional, embora Miriam tenha retrabalhado as suas imagens, deformando-as, subvertendo o realismo aparente.

Em relação ao uso da metáfora percebemos que se trata de uma transposição de significados que podem construir, intencionalmente, outros discursos a partir do texto original. Neste caso, a imagem possibilita a construção de uma nova ideia, sob a forma intrínseca de um pensamento visual. Imagens mais abstratas e “poéticas” e uma composição mais diversificada.

As autoras dos foto-ensaios tem formação profissional e interesses pessoais diferenciados: três pedagogas (Elaine, Vanessa e Mariana), uma historiadora (Miriam) e duas arte-educadoras (Lucia e Olga). Coincidência ou não, os foto-ensaios que utilizam a metáfora foram elaborados por duas arte educadoras e uma fotógrafa/pedagoga. Pode a familiaridade e a convivência cotidiana com as imagens, facilitar a construção de um pensamento visual?

Uma experiência de mediação em texto colaborativo

A seleção de textos, a criação de foto-ensaios, a socialização das perspectivas pessoais geraram este texto que nasceu colaborativo: o exercício de escrita coletiva de um artigo. Por si só, uma aprendizagem. E nos fazem perceber que

as narrativas visuais e verbais provocaram encontros com a arte e ampliaram o conceito de mediação cultural para além de leituras de obras de arte, nos colocando ao mesmo tempo como produtoras e leitoras, como proponentes e espectadoras, como mediadoras e mediadas na relação sensível, profunda e inquieta com a arte e a cultura, com nossos próprios repertórios e com nossas próprias perspectivas.

A pesquisa poderia continuar a partir de novas leituras das narrativas verbais e visuais, mas esta será uma nova história para uma outra vez. Afinal, se as “imagens são o pano de fundo onde construímos nossos palácios teóricos”, na citação de Eisner (1988, p. 355) que abre este artigo, haverá muito a se estudar e investigar na intrínseca relação entre cultura visual e mediação cultural.

Referências bibliográficas

- CAYMMI, Stella. *Dorival Caymmi: o mar e o tempo*. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- CHIPP, Herschel B. *Teorias da Arte Moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DESGRANGES, Flávio. *A pedagogia do espectador*. São Paulo: Hucitec, 2003.
- DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- MABE, Manabu. Palavras do artista. In: _____. *Manabu Mabe: vida e obra*. São Paulo: Raízes, 1986.
- MARTINS, Mirian Celeste. O sensível olhar-pensante: premissas para a construção de uma pedagogia do olhar. In: *ARTEunesp*, São Paulo: 9: 199-217, 1993.
- PIZZINI FILHO, Joel (diretor). *Enigma de um dia*. Curta metragem. Pólo Cinematográfica, São Paulo, 1996.
- ROLDÁN, Joaquín; VIADEL, Ricardo M. *Metodologias artísticas de investigación en educación*. Málaga: Aljibe, 2012.
- TODOROV, Tzvetan. *A beleza salvará o mundo*. Rio de Janeiro: Difel, 2011.

Documentos eletrônicos

- ABBASPOUR, Mitra. *Photographs, like a sort of embodied, physical subconscious. (entrevista), 2013. Disponível em <<http://plataforma.videobrasil.org.br/#scanograms>>. Acesso em 30/mar/ 2014.*
- MOLINA, Camila. Livro atravessa cinco décadas de energia na obra de José Roberto Aguilar. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,livro-atravesa-cinco-decadas-de-energia-na-obra-de-jose-roberto-aguilar,1141455,0.htm>>. Acesso em 04 abr 2014.

Minicurrículos

Mirian Celeste Martins - Docente do Curso de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana onde coordena os grupos de pesquisa: “Arte e Pedagogia” e “Mediação cultural: provocações e contaminações estéticas”. Mestre pela ECA/USP e doutora pela FEUSP. Autora de livros e artigos.

Elaine de Oliveira Carvalho Moral Queiroz - Doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre em Educação, área de concentração Teorias e Políticas em Educação, pela Universidade Nove de Julho - UNINOVE. Complementação Pedagógica em Supervisão Escolar pela UNINOVE. Especialista em Psicopedagogia pelas Faculdades Integradas Teresa Martin. Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação e Ciências Pinheirense. Graduada em Psicologia pela Universidade Paulista. Atuou como docente da Pós-Graduação no curso de Psicopedagogia e Educação Especial da UNINOVE. Atualmente é professora da Graduação, Tutora em EaD e Coordenadora do Curso de Pedagogia modalidade presencial e à distância da UNINOVE. Faz parte do Núcleo Docente Estruturante do curso de Pedagogia da UNINOVE.

Lúcia Pantaleoni, Arte-educadora. Professora de Artes - E.E. Cel. Raul Humaitá Villa Nova. Mestranda em Arte, Educação e História da Cultura - Universidade Presbiteriana Mackenzie. Especialista em Linguagens Artísticas - Centro Universitário Maria Antônia – USP. Licenciada em Educação Artística com ênfase em Artes Plásticas – Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Bacharel em Artes Plásticas - Instituto de Artes - UNESP.

Mariana Peramezza Del Fiol - Mestranda do curso Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana. Pós Graduação em Coordenação Pedagógica no processo reflexivo do professor – GOGEA – PUC SP, Pós Graduação na FIA em Educação Corporativa, Gestão do Conhecimento e Aprendizagem Organizacional. Graduada em Pedagogia com as Habilitações em Supervisão, Orientação e Gestão Educacional pela PUC - SP.

Miriam Minga - Mestranda do curso Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pós Graduada em Arte/Educação pela Escola de Comunicação da Universidade de São Paulo - ECA/USP. Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FEUSP. Experiência profissional como docente nas redes pública e particular de ensino no Ensino Básico.

Olga Egas - Mestre em Artes Visuais (IA/UNESP), Doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura (Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP). Professora da Faculdade de Educação na Universidade Federal de Juiz de Fora UFJF/MG. Pesquisadora nos GPs: *Arte na Pedagogia e Mediação cultural: provocações e contaminações estéticas*.

Vanessa Marques Florentino - Mestranda do curso Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, na linha de pesquisa em Culturas e Artes na Contemporaneidade, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Mirian Celeste Martins. Graduação em Pedagogia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pesquisadora do GPAP - Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia (líder: Prof^a. Dr^a. Mirian Celeste Martins) desde 2014.